



Fernando Pereira
(Coordenação)

Teoria e Prática da Gerontologia

Um Guia Para Cuidadores de Idosos



GERONTOLOGIA(S)



UMA

Título Original	Teoria e Prática da Gerontologia Um Guia para Cuidadores de Idosos
Autores	Fernando Pereira (Coordenação)
Copyright	2012, PsicoSoma
Paginação e Capa	Hugo Carvalho, Catarina Amaro- PsicoSoma
Impressão e Acabamento	Sá Pinto Encadernadores - Viseu

ISBN: 978-972-8994-34-1
Depósito Legal Nº: 342279 / 12

1ª Edição, Viseu, Abril de 2012

Reservados todos os Direitos para:
Psico & Soma - Livraria, Editora, Formação e Empresas, Lda.
Largo do Pintor Gata, Nº13
3500-136 Viseu
Portugal

Telefone: +351 232 431 060
FAX: +351 232 431 059

<http://www.psicosoma.pt>

editora@psicosoma.pt; info@psicosoma.pt
Telefone: +351 232 431 060 FAX: +351 232 431 059

ESTA OBRA É UM LIVRO TÉCNICO E DESTINA-SE AO ENSINO.

NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODE SER REPRODUZIDA POR QUALQUER PROCESSO (INCLUINDO A FOTOCÓPIA),
TRANSMITIDA OU TRADUZIDA EM LINGUAGEM MÁQUINA SEM A AUTORIZAÇÃO POR ESCRITO DO EDITOR.

CAPÍTULO 3 - O GERONTÓLOGO... UM MEDIADOR NO ESPAÇO GERONTOLÓGICO

Augusta Veiga-Branco

Parece evidente que o gerontólogo não pode, nem quer pretender, ser só um mediador de afetos, ele também o é de saberes (saber-saber, saber-estar e saber-ser), e defendo que será do equilíbrio e permuta destas duas vertentes, que poderá também situar-se o seu verdadeiro estatuto sócio profissional (Veiga-Branco, 2008).

COM A GRÉCIA NA ALMA

Quando algum dia, caro leitor, se colocar atrás de uma secretária, frente a uma turma de alunos não se esqueça, que a sua atitude, é o ponto terminal de um longo e transformista cordão histórico de reminiscências, que têm em maioria, origem na Grécia Antiga. No seu sítio de professor, é o *gógós* condutor de um *paidós*, ou de um *geronte*, num processo, em que pode *estar*, na perspetiva de *educare* ou *educere*. E este, “estar” pode ser *maiêutico* ou *magistercêntrico*. E isso fará, ao nível do educando, toda a diferença.

Tornei-me professora sem ter decidido. Não escolhi, nem decidi. A

vida fê-lo por mim. Estávamos ao tempo no início dos anos 80 do século passado. E o *modus operandi* da docência em Portugal, e na saúde em particular, era a classicamente assumida Pedagogia. E não era a Pedagogia ensinar os alunos... ponto? Assim, como aprendemos a ser com o que os nossos ex-professores fizeram em relação a nós? Haveria algo mais a saber? Estas questões foram exigindo na minha *praxis*, uma sucessiva rede de respostas reflexivas. Progressivamente a curiosidade orientou a minha necessidade de reinventar o estar pedagógico e, portanto, a desconstrução de algumas atitudes. Ainda que de modo muito sumário, já que a formação de técnicos de saúde não tinha, ao tempo, a maior exigência nesta temática, tornou-se importante resgatar a etimologia, os sentidos e os significados atribuídos aos fonemas originais, bem como o seu percurso cronológico e semântico, para poder pensar a aplicação de alguns métodos, na profissionalidade docente contemporânea.

Mas, em brevíssimo rigor, do que falamos quando falamos de educação?

O conceito e desenvolvimento cronológico de "educação" veio tornando-se não só ambíguo como reduccionista. Estranho fim, para um conceito que emergiu com finalidade tão expansora, já que - considerando o seu étimo - ao emergir das formas verbais latinas "educare" e "educêre", aponta em sentido e significado, para um movimento expansor e desenvolvimentista do ser humano. Na simbiose dos termos, há duas ações: uma de alguém (de fora para o sujeito) que conduz com orientação, como no conceito de atual "coach" (ver capítulo 19 desta obra), e a outra, é fazer emergir a energia de dentro para fora.

Reconhece-se "educare", com um sentido de uma ação condutora, de um educador sobre o educando, mas com um objetivo preciso e determinado de criar (no sentido de desenvolver, expandir), de conduzir (no sentido psico, sócio e cultural do termo), de orientar, de ensinar, de treinar. E estas ações tinham como locus atencional, a formação (como ação de (in)formar = "meter na forma") da criança: desenvolvê-la e cultivá-la, mental e moralmente. Este étimo também se integra a ação de disciplinar (no sentido normativo), através de instrução mais ou menos permanente, mas sistemática, com a finalidade de a criança fazer parte de um projeto social, mais amplo e complexo. Esta forma de educação, como processo "magistercêntrico", situa a iniciativa processual no formador, e o formando assume o estatuto de recetáculo passivo da transmissão de informações. Educar, tem aqui uma forte conotação exógena (Freire, 1982), de fora para dentro.

Mas "educêre", vem contrariar este ritmo e tempo de ação, já que significa o movimento inverso. "Educêre" significa tirar de dentro para

fora: extrair, tirar de, provocar o emergir de algo latente (no interior de...), ou ainda, e dito de outro modo, como no sentido *maiêutico*¹ de fazer nascer (a ideia). Neste contexto de significações, “educar” emerge com uma fortíssima conotação *puerocentrista* ou *puericêntrica*², já que é um movimento centrado no educando. Consequentemente, esta educação é empiricamente centrada mais nos saberes construídos a partir do aprender, do que os acumulados a partir do ensinar. E o que internamente faz a diferença, é o método, ou seja a forma *como se está* (intencionalidade) em educação.

O ÉTIMO COMO O LUGAR DO DESAFIO OU A RENUNCIA À IDOSOGOGIA

É necessário refletir acerca do que significam os conceitos e do que é ensinar³ - aqui na perspectiva de Paulo Freire - para termos a certeza se queremos viver a nossa vida a construir ou a desconstruir os conceitos adquiridos, e ir ao significado das palavras. Para sabermos no que estamos a apostar. Em que terreno estamos a plantar as nossas energias. A nossa vida.

No início sabia mal o que era a pedagogia, ou a andragogia e, portanto, não tinha a mais pávida ideia do que seria a gerontogogia. Só na formação em Pedagogia, descobri o que já sabia, mas não tinha disso ainda a consciência: a Pedo, a Andro ou a Geronto, eram a minha água, desde que estivessem na Gogia sob a forma de prefixo. Assim, sem mais.

Vale a pena colocar em ordem as diferenças. Se a mudança de método, transforma a educação, de “*educação aprendente para ensinante*”, ou vice versa, a mudança da população alvo, deverá transformar, não só e necessariamente, o método, como a estratégia, e principalmente a “*intencionalidade educativa*”⁴ de quem conduz o processo. E também esta, a intencionalidade, assenta no étimo. Torna-se importante conhecer a origem etimológica das palavras, antes de chegar à gerontogogia. Este, como todos os conceitos atualmente aplicados dentro do sistema educativo, relacionados à prática educativa – formal ou informal - partilham do sufixo *gogia*, que no seu étimo, significa originalmente, aquele que conduz (o gógos), ou o que encaminha o educando (a criança) no seu processo de desenvolvimento.

Pedagogia, do conceito paído, remete a tudo o que diz respeito à criança. Unido a gogia (de agogus, relativo ao ato de conduzir a

1 Sócrates, na sua *maiêutica* fazia o que ele chamava a “*parturição*” das idéias, retirando (tirar de dentro para fora) as idéias dos discípulos, colocando questões logicamente encadeadas.

2 Conceção educativa, centrada na criança, como educando, que foi defendida pelas pedagogias ativistas.

3 (...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção (Freire, 2004).

4 Referência à intenção do formador/ educador, que está subjacente aos conteúdos, relativo às áreas do saber a desenvolver, e que se percebe na atitude metodológica e nas técnicas pedagógicas.

educação), faz surgir por composição a *paidós+gógós*. Era ao tempo, um conceito que dizia respeito a uma ação continuada, dirigida à criança, na perspectiva holística. Como referência etimológica, pedagogia significava literalmente “a arte e ciência de ensinar crianças”.

Todavia, as necessidades educativas dos últimos séculos e nomeadamente do séc. XX, colocaram o ponto de referência da educação na educação massiva. Este fenómeno teve como consequência, ao longo do tempo, a redução de “educação” (no sentido de expansão e desenvolvimento) a uma área científica - dentro do sistema educativo ou fora dele - que fornece conteúdos cujo objetivo é o de transmitir ou trabalhar programas, com a finalidade de acrescentar conhecimento, ao nível da infância e adolescência.

O conceito de andragogia emerge posteriormente, com a junção dos étimos: *andros*, de homem e *agogus*. Por analogia⁵, com o conceito anterior, andragogia, significa literalmente “a arte e ciência de ensinar homens”. Mas esta realidade emerge com dois tipos de especificidades metodológicas: a primeira, é que no plano de prática didática, assume-se o adulto (*andros*) tal como era assumido no conceito de pedagogia, como ser holístico, ou seja o ser bio, psico, sociocultural no seu contexto de mundo e de interação com ele; a segunda, contrariamente ao primeiro conceito, diz respeito ao que aqui se entende por aprendizagem. Enquanto pedagogia se assume também como transmissão, aqui é como vivência, através das experiências, e respetivas perceções das mesmas. A andragogia é o campo em que o educando vive o envolvimento (com o objeto de estudo) para aceder ao desenvolvimento (pessoal), (re) absorvendo e (re)aplicando aprendizagens de vida em novos contextos, de modo a encontrar situações de bem-estar e de resolução de contextos. Nesta perspectiva, “*aprender (...) não significa adquirir mais informação, mas expandir a capacidade de produzir os resultados que desejamos na vida*” (Senge, 1990: 3).

SIGNIFICADO DE GERONTOGOGIA

Há que visitar de novo a História para compreender o significado de geronte como entidade da Gerúsia, e então, a partir destes conceitos, definir os termos. Geronte do seu étimo *Gerós+onte* (entidade que percorre o tempo, com muito tempo de vida, ancião) no sentido não só de conhecimento pela experiência, mas sobretudo de sensatez e de sabedoria! Era este o princípio que estava subjacente a Gerúsia⁶, bem

5 Conforme o estudo “Pedagogia vs. Andragogia – Modelo Comparativo de Knowles”.

6 A Gerúsia, ou Conselho de Anciãos, era constituída pelos reis e por 28 homens acima de 60 anos, eleitos pela sua sensatez e capacidade militar. A Gerúsia, na administração social e política de Esparta, era soberana. Os anciãos constituíam também um tipo de Tribunal Supremo, que julgava os delitos e podia impor a pena de morte ou perda de direitos cívicos. (Fornis Vaquero, 2003).

como a sua responsabilidade política e social.

Assim, é neste contexto de “fonte de sabedoria”, que deve emergir o estatuto de formando para o idoso, neste novo espaço formativo: o de Geronte, já que do seu étimo associado a agogus, (geronto+agogus), emerge o sentido e significado de gerontogogia. Esta é, como se tem vindo a apresentar, a educação essencialmente “*educêre*”. E se retirarmos ao atual idoso, o seu estatuto de geronte (ao tempo da Gerúsia), não só estamos a construir um espaço de redução forte para a educação, como estamos a criar, no pior dos males, uma idosogogia.

Uma idosogogia, que se não omite e oprime os saberes adquiridos, reprime pelo menos a aplicação desses saberes, na absorção de novo conhecimento, para aplicações práticas de vida. Este, é aqui o pecado ético ao significado de “*Educêre*”. Este é portanto, o caminho que a gerontologia não pode permitir à gerontogogia.

DA GERONTOGOGIA AOS GERONTOGOGOS

Parti do étimo a caminho da definição de termos. Expressas as intranquilidades e definidos os pontos de vista, voltemo-nos para a finalidade da minha perspetiva aplicativa de gerontogogia. Atualmente, o conceito vem sendo analisado, e enquanto objeto de estudo e campo de trabalho. Tal como assumido por Peterson, (cf. Glendenning, 2000: 14; Cachioni & Neri, 2004), respeita “*o estudo e prática, desenvolvidos na interface da educação de adultos e da gerontologia social*”. Dito assim, faz teoricamente sentido, mas parece vir a propósito a introdução de uma nova perspetiva, um novo “olhar” para o gerontólogo neste contexto educativo.

Partindo das definições da gerontologia, e tomando os autores iniciáticos como referência, (Withnall, 2000; Cachioni & Neri, 2004), ao desenvolverem “*uma tentativa para integrar as instituições e os processos da educação, com o conhecimento do envelhecimento e as necessidades das pessoas idosas*”, assumiram que a gerontologia educativa englobava: o estudo acerca dos idosos, nomeadamente o envelhecimento, a sua educação e a respetiva prática educativa, quer para a população idosa, quer para os profissionais em gerontologia. Curiosamente, o campo empírico desta perspetiva emergente, insere-se no que se considera, segundo a carta de Otawa (1986), a Promoção e Educação para a Saúde, porque teria como objetivos: evitar o envelhecimento precoce e promover o crescimento psicológico. Como matéria a investigar, em simultâneo e por consequência, estariam as alterações cognitivas relacionadas com o processo fisiológico do envelhecimento e, ponto importante nesta

reflexão, “as adaptações que na aprendizagem requerem os alunos mais velhos, bem como as motivações que poderão condicionar a participação e a não participação” Peterson (1990).

Ou seja, Peterson estaria a identificar nos anos noventa, a finalidade e o campo metodológico para a educação de pessoas idosas e outras com elas relacionadas. Estava criada a pertinência, a população alvo e a preocupação metodológica para gerontologia. Posteriormente, Glendenning (cf. Withnall, 2002: 90), corroborando, mas redefinindo Peterson, terá especificado o campo da gerontologia educativa⁷, ao distinguir a educação dos idosos - *gerontologia educativa*, da educação para os profissionais, que ele define como a *educação gerontológica*.

No que se refere à gerontologia educativa, ou aprendizagem nos anos tardios, o autor aponta como conteúdos, a educação de caráter instrutivo de adultos seniores (*senior adult education*), nomeadamente com conteúdos de respostas reajustadas para as necessidades de vida diária, tal como as atividades de autoajuda (*self-help instructional gerontology*), e de educação (*self-help senior adult education*) (Glendenning, 2000: 81). A educação gerontológica (*ensino da gerontologia*) insere a componente social e educativa de adultos, a componente jurídico-legal, nomeadamente de defesa do idoso (*advocacy gerontology*), a formação profissional específica (*professional gerontology*) e a educação da gerontologia (*gerontology education*). Mas é finalmente Withnall (2000: 90) que posteriormente cria o novo termo de educação gerontológica, ao especificar:

“... a expressão educação gerontológica, da autoria de Glendenning, tem variantes. Há quem a denomine como **gerontogogia (gerontagogy)** significando cursos de instrução sobre pessoas idosas desenvolvido para os profissionais de saúde e de serviço social, outros autores, como Battersby, que a designam de geragogia, referindo-se à gerontologia e à educação gerontológica.”

Assim, gerontogogia (*gerontagogy*) dizia respeito à formação em envelhecimento e de pessoas idosas (...), desenvolvida para profissionais de saúde, de serviço social, ou outros, que de alguma forma interagissem ou aplicassem os seus bens e serviços, em, ou nas, pessoas idosas. A este propósito, recuperam-se as palavras de Cachioni e Neri (2004): “Na Espanha, desde meados da década 1960, a formação dos chamados “gerontagogos” sempre esteve a cargo dos cursos superiores de animação sociocultural...”

⁷ O autor, ao referir o seu livro de 1985: “Numa tentativa de enfatizar a importância da gerontologia educativa, no reino Unido, como um novo campo de estudo (...) introduziu claramente uma distinção entre ‘gerontologia educativa’ relacionada com ensino dos adultos idosos (...) e ‘educação gerontológica’, para o ensino da gerontologia aos profissionais e voluntários” (Glendenning, 2000: 11).

ATRAVÉS DE UMA DISCIPLINA DE GERONTOLOGIA

Estava construído o puzzle: o campo era a gerontologia, os atores educativos/ “animadores” eram os gerontólogos, e os educandos/“animados” eram os gerentes. Perfeito. Fazia, assim, sentido construir uma unidade curricular para os gerontólogos, vocacionada para a prática educativa em idosos e cuidadores – e tal como foi defendido pelos autores – com o nome de gerontologia. Assim, o percurso curricular deveria dizer respeito aos aspetos interativos, relacionais, cuidativos e educativos. Faltava ainda refletir acerca do método, para que fosse entendida a prática de “*educêre*”, em contextos de gerontologia. Como métodos de aprendizagem foram por isso, selecionados os ativos, após análise e reflexão em parceria. E em consonância com isto, a avaliação só poderia ser produzida pelos próprios formandos: um *projeto gerontológico*, para ser aplicado na área da educação gerontológica.

Também neste conceito, como nos anteriores, os meandros da “*gogia*” como prática profissional, trouxeram até mim, aprendizagens de como tornar ativo e reflexivo o tempo-espço de “*aula*”⁸, mas aqui o sentido de étimo não bastou. Numa área jovem de cultura – a formação em gerontologia é relativamente recente em Portugal – entre a saúde e as ciências sociais, havia um trabalho de construção metodológica a ser feito. A ideia que foi servindo de leme pode expressar-se na questão: qual a aplicabilidade deste conhecimento para os estudantes de gerontologia? E como aprendem de forma mais consistente a tornarem-se gerontólogos? Ou seja, como inspirar jovens de 20 anos acerca da mais-valia da sabedoria das pessoas de 70 ou 80 anos? Como aprender a aprender a ser animador de “*ánimus*” dos seus parceiros gerentes?

Houve necessidade de voltar a olhar para os quotidianos. O que pareceu mais credível é que os estudantes, em vez de aprenderem teoricamente os métodos e as estratégias pedagógicas, os vivessem. Ali, em cada aula.

Era preciso aprenderem a desenvolver técnicas favorecedoras da neuro plasticidade? Começemos por isso, ali, na aula! Era preciso comunicar e interagir dando ênfase ao lado direito do cérebro, no conceito de *high touch*⁹ e *high concept*? Façamo-lo na aula. Era preciso aprenderem a desenvolver dinâmica de grupos? Façamo-lo na aula. Na perspetiva gerontológica a metodologia é viver a metodologia, não

8 “*Aula*”, do étimo *aulé*, do grego (*espaço dentro dos palácios em que se podia ficar*). “*A sala de aula é expressão pleonástica. Se for aula como exposição feita pelo professor sobre algum assunto, temos uma metonímia, enfatizando-se o que ali se realiza* (Santos, 2009).

9 Conceitos defendidos por Pink (2010), para a interação comunicacional e laboral: *high touch*: a “*capacidade de sentir empatia pelos outros, entender as subtilidades da interação entre as pessoas, saber encontrar a satisfação de viver dentro de nós próprios, bem como de ajudar os outros a fazê-lo e, também, ser capaz de perseguir um sentido para a vida além da rotina diária*”; e *high concept* a “*capacidade de criar beleza artística e emocional, detetar padrões e oportunidades, elaborar uma narrativa satisfatória e combinar ideias desconexas num novo objeto*”.

para aplicar depois, mas sim para replicar. Constatei que há diferentes tipos de aquisições e desempenhos. Quando os estudantes se tornam protagonistas dos seus próprios conteúdos de aprendizagem... quando eles próprios os “*fabricam*” a partir de pontos de pesquisa, como um puzzle que se constrói para criar um todo, a aprendizagem ocorre por si própria. Devemos fazer com que *aprendam a aprender* durante os trabalhos efetuados, tal como indica o conceito de andragogia.

E foi assim... a trabalhar a prática como quem molda o barro, que me vi a apostar em métodos que ao tempo eram já “estranhamente” ativos. E foi neste *continuum metodológico*, que surgiu a Gerontogogia¹⁰, como uma unidade curricular que tinha e tem como objetivos mais específicos: adquirir literacia em conceitos relativos ao processo de aprendizagem em gerontogogia e conhecer algumas metodologias e técnicas pedagógicas da formação nesses contextos.

Terá sido então nesta fase do desenvolvimento da disciplina de gerontogogia, que a metodologia de avaliação, ao contemplar o planeamento de um projeto de intervenção - seja na gerontogogia educativa, seja na educação gerontológica - me coloca a necessidade de uma nova reflexão, mais cuidadosa e exigente, no sentido de me questionar acerca da finalidade da metodologia na educação gerontológica.

E aqui surge o propósito: como encaminhar os trabalhos dos estudantes, não tanto para aprender teoricamente, mas para que este conjunto de saberes servisse de facto, como desenvolvimento formativo intra e inter pessoal, na *praxis* profissionalizante dos futuros gerontólogos.

O MÉTODO TOMA A PALAVRA E DEFINE ESTATUTOS

Para preparar um projeto gerontogógico, tornou-se emergente, encontrar um momento de reflexão conjunta com os futuros gerontólogos. Uma vez assumido, que a Gerontologia não poderia só limitar-se a um trabalho de atendimento cuidativo, como era normativo ser assumido... nem o trabalho de campo se situava só no acompanhar, dar a mão, ajudar na higienização e na alimentação. Vai muito além do espaço burocrático e de responsabilização sócioeconómica. Na prática viva, transcende essas tarefas, quer pela sua responsabilidade civil e social, quer pelo seu estatuto também de educador e animador, nomeadamente, pela necessidade de caráter interventivo educacional.

Partiu-se então da ideia consensual de que a gerontogogia, deveria

¹⁰ A Gerontogogia, tal como foi apresentada no primeiro ano em que foi lecionada, surge como unidade curricular no curso de licenciatura de gerontologia na Escola Superior de Saúde do IPB, 2007.

por excelência, ser educere, sem ensino nem *ensinagem*¹¹ (Lopes, 2003; Anastasiou & Alves, s/d), e, se houvesse ensino, só poderia ser no sentido auto, do sujeito sobre si próprio, e como tal, de educação, no seu sentido “*educere*”: porque, o que aqui faria sentido, seria dar a voz em consciência, às experiências e aos conhecimentos empíricos, de quotidianos acumulados, para que o idoso pudesse emergir como protagonista do seu próprio percurso e processo de aprendizagem. Este pareceu ser o ponto essencial do debate.

E o professor? O professor, não teria que ter aqui o estatuto do professor (no sentido de *magistercentrismo*... o que aqui faria sentido era um animador – como um estímulo de “*animus*” – num paradigma de Pedagogia Aberta ou Livre: ou seja um elemento humano, “animado”, estimulante, como mediador desse processo de se ver, de se rever, de ouvir e se ouvir, de arranjar palavras para, como já se defendeu, colocar a experiência em consciência, e portanto, de se reinventar como ser humano. Era este o perfil atitudinal do gerontólogo. Este geronte – agora claramente com o estatuto que a concepção *maiêutica*¹² lhe atribui, só poderia ser um dos elos, um dos parceiros na descoberta de si, com o outro, mas segundo os princípios da *dialética* (Wolff, 2000), em partilha de espaços e de reflexões e conhecimento com o animador.

Ao assumirem o seu estatuto de sujeitos ativos, no e do seu processo de aprendizagem, em assunção consciente de um Projeto de Si¹³, os idosos são capazes de participar reflexivamente – no sentido de (re) flexão – (re)observando as situações vividas. Esta prática metodológica permite dar-se a si mesmo novas oportunidades, e de, em novos contextos – com um parceiro “animador para o desenvolvimento” – poder identificar aprendizagens de vida: as felizes, as problemáticas ou de constrangimentos. Este discurso livre, sob orientação, adquire força e pertinência e é ele mesmo o interventor, na re(visão) de situações pessoais e interpessoais que, segundo o geronte, possam necessitar de alterações de atitude ou de comportamento.

Todavia, este conjunto de pressupostos não ocorre espontaneamente nem de ânimo leve. É necessário que esta população alvo se encontre em ambiente educativo emocionalmente protegido e contexto confortável. É necessário reunir métodos pedagógicos que sejam eles mesmos estimulantes e desencadeiem o prazer de aprender. Aqui, *o estar a falar de si*, e a (re)aprender-se, é o fim em si mesmo. É preciso fazê-lo progressiva

11 O autor refere-se a metodologias na sua vertente *magistercentrista* (Lopes, 2003).

12 *Praxis defendida por Sócrates, através do acompanhamento analítico-reflexivo, sob a forma de progressivas perguntas, com a finalidade de conduzir (ducere) os discípulos a um ponto de consciência crítica, procurando a verdade no seu interior, fazendo emergir o que Sócrates defendia como “parto intelectual”* (Wolff, 2000).

13 *Projeto de Si, no sentido atribuído de Christoph Djours, como definição de Saúde: “Saúde é a capacidade de cada homem, mulher ou criança para criar e lutar pelo seu projeto de vida, pessoal e original em direção ao bem-estar”. Nesta concepção holística de saúde, o sujeito interage ativamente, e, independentemente de diagnósticos e ou prognósticos patológicos, está envolvido num Projeto, como expectativa de concretização de Si, como pessoa em contexto de mundo.*

e repetidamente para a reconstrução de mapas mentais, mais de acordo com as realidades atuais. Em gerontologia este método de ação repetida é essencial: esta reorganização neural, que identifica a plasticidade, é um método da recuperação neural para facilitar a recuperação da função cognitiva, que pode comprovadamente ser influenciada pelas experiências e comportamentos específicos, com a prática de tarefas orientadas, podendo até ser possível, a recuperação de lesões cerebrais.

Mas em essência, o que aqui se defende, é que estes momentos servem para aprenderem a encontrar-se e atingir metas ou circunstâncias que sejam percebidas por eles, como “algos” ou desafios, que deem sentido à vida.

Quando ficamos privados de referenciais de memórias de futuro (Damásio, 2010), como objetivos a cumprir ou “algo” para concretizar... a vida perde sentido e a vontade de nos levantarmos cada dia, perde significado. E aqui a educação, no seu sentido de “*tirar de dentro para fora*”, tem toda a pertinência e aplicabilidade. Ou seja, a ideia é treinar técnicos de gerontologia, para se tornarem capazes de animar tempos-espacos, de conduzir memórias de vida, como competências havidas, para a partir destas, encontrar (lhe) aplicação e projetar, com novas aprendizagens – no sentido de “*fora para dentro*” – motivações reais, coisas úteis para fazer, com prazer de vida. Estas estratégias, como à frente se verá, podem ter como aplicação prática, o entretenimento, os trabalhos em grupos, viagens a terras de “sonhei um dia”, conhecer “o senhor tal”, resgatar “um algo perdido” no tempo (desde uma horta a um amigo antigo) ou nos meandros da vida... Seja o que for, deve ser encontrado a partir da consciência sobre a experiência e, senão sobre ela, “tecer” com ela, a motivação para um percurso a seguir. A reconstrução desta perspectiva educativa, deve ser o campo da gerontologia, como objeto de estudo e ação no terreno: a (re) apreensão de memórias de vida para, com “algo novo”, formular referenciais de memórias de futuro. Seja o futuro até quando for. Ou até quando for possível vivê-lo.

GERONTOLOGIA- OBJETO DE ESTUDO E AÇÃO NO TERRENO

Assim, é necessário conceber a aplicabilidade de uma metodologia específica. É necessário pensar nos objetivos, nas finalidades, nos recursos, desde os socioeconômicos aos humanos. E nestes, por excelência, os gerontólogos. Mas não serve a metodologia normalmente aplicada no sistema de ensino. Como atrás se defendeu, a educação deve estar presente na vida que se vive. Cada momento é o momento de vida, até que a vida se extinga. Mesmo nos anos em que a cronologia não parece já fazer parte do sistema educativo.

Mas a atual expansão da longevidade é um fenômeno posterior à criação da filosofia dos sistemas educativos e terá portanto que ter novas perspectivas, recursos e aplicabilidades. Este assunto é da área da gerontologia por excelência, e dele terá que fazer parte a gerontologia. Tal como é defendido em Cachioni e Neri (2004):

A educação faz parte do amplo campo de aplicação da gerontologia. Tal como a gerontologia, é área multi e interdisciplinar (...) um novo campo interdisciplinar, o da gerontologia educacional, a discussão sobre quais devem ser o conteúdo e o formato da educação dirigida a idosos e como deve ocorrer a formação de recursos humanos para realizá-la.

Parte-se assim do pressuposto que a gerontologia, ou gerontagogia - mas agora com redobrada pertinência - emerge e coloca-se em prática como uma área multi e interdisciplinar de intervenção. Por todos os motivos. Mas sobretudo porque deve haver uma conduta no sentido da neuroplasticidade e da autoeficácia, e, atualmente, há a clara evidência de que a junção de várias áreas científicas, trabalhando em rede, criam um campo de sinergias, que só resulta profícuo para educandos, que não têm como essencial finalidade a aprendizagem de conteúdos, mas sim, serem eles mesmos, os conteúdos das suas aprendizagens de Si.

Mas quem deve intervir? Desde os técnicos de saúde e de educação em geral, como farmacêuticos, enfermeiros, dietistas, psicólogos, médicos, professores, educadores, até aos técnicos sociais, como os sociólogos, assistentes sociais, e obvia e naturalmente os gerontólogos. Todavia, deve aqui lembrar-se que neste campo de ação, cada um destes profissionais assume o seu estatuto com uma essencial particularidade: o estatuto de “animador”. É este o perfil dos atores da ação educativa.

UM PROBLEMA COMO UM DESAFIO PARA O GERONTÓLOGO

Quando selecionamos uma metodologia, pensamos sempre: para quem? *Os surdos não ouvem lições de oratória.* Assim, há que ter aqui consciência de uma cultura - que o jovem formador não conhece - e que está enraizada no idoso. Foi nesta aprendizagem que o idoso aprendeu a “sobreviver” o melhor que soube, e foi com ela que construiu os mapas mentais que ainda lhe servem agora de norte comportamental e emocional. É necessário estar preparado para o confronto da comunicação intergeracional. Há que partir de conhecimentos sólidos e estruturados da fisiopatologia e sociologia do envelhecer, perceber as limitações, e, quer a nível físico quer intelectual, assumir a dialética como a forma de estar. Na maioria das ações pedagógicas, não custa

tanto construir aprendizagem, como custa desconstruir a que já foi feita. Principalmente a que está fixa em antigas memórias, que são agora a companhia de longos dias e a sustentação da identidade e do sentido. Criar novos mapas mentais, para reorganizar a interpretação de uma vida, ou pedaços dela não é fácil.

Partindo destas convicções, reinvente-se a perspetiva para a criação e a gestão de novos espaços de intervenção educacional (gerontogogia educativa) através de uma abordagem curricular, por ser neste momento, uma vertente menos explorada do processo do desenvolvimento geracional e onde o gerontólogo deve inserir-se.

A MULTIDISCIPLINARIDADE OU UM TRABALHO EM “ARENA”

Sem deixar cair o argumento, à frente abordado, de que caberá ao idoso participar na seleção de conteúdos a incluir na sua formação, direciono agora a atenção para os elementos animadores, e para a interdisciplinaridade que deverão desencadear no espaço de *aula*. Já foi aqui defendido o efeito simbiótico da fusão ou interação entre diversas áreas do saber, bem como a relevância deste efeito em gerontogogia. Retomo agora esta ideia para aceder à pertinência de técnicas pedagógicas ajustadas para a gerontogogia, de modo a dar aos conteúdos um sentido de unicidade e pertinência para os quotidianos dos idosos, para neles se reverem e com eles interajam de forma prazerosa. Partindo deste princípio, assume-se a necessidade da presença de técnicos educadores, em multidisciplinaridade para colocarem em justaposição duas ou mais disciplinas, com objetivos múltiplos, sem relações entre elas e nenhuma coordenação. A noção de pluridisciplinaridade deverá aplicar-se em técnicas pedagógicas (em conteúdos de duas ou mais disciplinas), mas com objetivos múltiplos, em inter-relação e cooperação, mas sem intercoordenação.

A equipa ou grupo de animadores, só poderia ser de natureza interdisciplinar com formação em diferentes domínios do conhecimento, mas com a “intencionalidade educativa” comum, direcionada a uma temática ou contexto, pré-selecionado pelos atores educativos. Na perspetiva da interdisciplinaridade, trabalha-se para dar sentido de transversalidade a várias áreas ciências (re)unificadas. Esta perspetiva, deverá substituir os conteúdos separados, que distanciados entre si, conferem aos saberes a imagem de uma ciência fragmentada, em disciplinas, cujos professores, distantes entre si, raramente se encontram para ajustar os itens nos conteúdos, nos métodos e nas estratégias que assumem para interagir com os educandos, ao trabalhar esses conteúdos, tal como já Lemieux (2000) defendeu há anos atrás:

“... a questão da educação antecede a referência ao envelhecimento e aos sujeitos envelhecidos, pois a gerontagogia, como ciência social, está mais preocupada com o ensino e a aprendizagem que com o fato de que os educandos sejam pessoas idosas. Deve permitir a combinação de distintas especialidades, como a psicologia, a filosofia, a antropologia, a história, a sociologia e a economia, (...) e ajudar no momento em que for necessário decidir sobre o quê, o como e o para quê da educação às pessoas idosas”.

Uma vez inseridos neste propósito unificador, seria possível, assumir os idosos como gerontes, entidades possuidoras de um património de historicidade pessoal, cujos conhecimentos somados e geridos no continuum de vida, seriam agora não só aproveitados, como inseridos nesse espaço *aula* comum, para serem falados, reanalisados e potencializados. Este é o ponto essencial que aqui se defende como prática possível para reorganizar mudanças culturais nas concepções sociais sobre a velhice, ao nível transgeracional. E será nesta concepção que as estratégias pedagógicas serão apresentadas.

QUE MÉTODOS E ESTRATÉGIAS AS DA GERONTOGOGIA?

Todas as propostas que a seguir se apresentam têm como finalidade a aplicação prática da gerontagogia como intervenção socioeducativa com pessoas idosas. A finalidade é promover a gerontagogia, como campo profissionalizante de gerontólogos educadores de idosos; divulgando a todos os outros prestadores de serviços – já mencionados – das áreas da educação e do serviço social, e, demonstrando a necessidade de especialistas nessa área, seja ao nível institucional de ensino público ou privado e das comunidades.

Assuma-se, o que todos já sabemos, que *aprendemos* (Mão-de-Ferro, 1999): 10% do que lemos; 20% do que ouvimos, 20% do que vemos, 50% do que vemos e ouvimos, 80% do que verbalizamos, e, 90% do que dizemos, enquanto fazemos algo em que refletimos e participamos pessoalmente, e portanto esta é a linguagem para a gerontagogia: no tempo espaço aula, o geronte terá que dizer... enquanto faz algo em que reflete e participa pessoalmente. O caminho é por aqui.

Assim, a formação dos gerontólogos deve ter esta realidade como finalidade e ferramenta de trabalho. É também da mesma ideia que deve partir o estímulo na investigação desta área, e da mesma forma preparar gerontólogos para elaborar diagnósticos de situação, e pensar as estratégias para o trabalho educacional com idosos. É a partir desta noção de compromisso com a aprendizagem, que deve ser pensado

qualquer protótipo programático estratégico do processo gerontogógico, como espaço socioeducativo alternativo, por oposição ao normativo, em colaboração de equipas intergeracionais, construindo comunidades de aprendizagem com a presença de idosos e jovens num mesmo espaço educativo e formativo.

CONCLUINDO . . . DO ESTATUTO DE GERONTE

A minha pátria é a língua portuguesa. Fernando Pessoa

E a minha, é a língua grega...gogia(s)

Este é um aluno *educere*, como na filosofia da “*pedagogia livre, das escolas de Hamburgo*”: não deve fazer nada obrigado, nem sequer coercivamente convencido. A ele cabe escolher o seu horário, os seus formadores e quais as atividades segundo o seu bem-estar, para entrar em fluxo na *aula* e com a *aula*, e poder tecer o seu desenvolvimento intra e inter pessoal e coletivo.

Mas aponta-se a metodologia ativa como uma rota, em direção à neuroplasticidade, já que a mais recente bibliografia indica, por exemplo, que “*o mapeamento das diversas partes do corpo no córtex sensorial primário de primatas não-humanos pode ser modificado em função das lesões ou de experiências de aprendizagem*” (Jenkins & Merzenich (1992) citado por Haase & Lacerda, 2004). As atividades devem ser selecionadas e organizadas de maneira a responder às expectativas, necessidades ou até às preocupações dos idosos, já que a formação não pode ser exclusiva da infância e juventude. A educação é de e para a Humanidade. Todos os homens. Sem exceção. E como já foi defendido, as populações alvo, são diferentes e exigem diferentes métodos e estratégias, até porque está comprovado (Taner, citado por Cachioni & Neri, 2004) “que as possibilidades de aprendizagem na velhice não dependem da idade, mas, sim, das condições em que se realizam”, e assumir esta evidência é ter uma perceção realista da velhice, que sem reducionismo, toma como campo de atenção o valor da experiência, e como variáveis da reorganização a utilização delas nos novos contributos para manter viva a vida dos idosos nas emergentes realidades socioeconómicas e culturais. Como uma educação, como uma identidade de cidadania.

FERRAMENTA PARA A PRÁTICA I:

Dez princípios para criar o clima emocional da relação gerontológica.

Tenhamos a coragem da ternura, para pensar a gerontologia como um tempo espaço de “mimar”, a quem pensamos que fica pouco mais...

1. A gerontologia é uma atividade para o prazer, de *entrar em fluxo* (Almeida & Veiga-Branco, 2011), portanto é motivacional, donde, a educação emocional dos parceiros, deve estar assegurada, ou pelo menos discutida, para ser propulsora da intensidade das relações entre si.
2. *Assume-se gerontologia como a formação segundo a preferência do cérebro* (Hare & Reynolds, 2003)., pelo que deveremos aprender esta essencial forma de estar em gerontologia, e subjacente às técnicas pedagógicas.
3. *O formador é uma ferramenta de trabalho do idoso*, e neste processo de desenvolvimento, é parceiro. Ele não é portanto o poder nem tem o poder, ele é um construtor do poder de um processo em... Sobretudo, assumam-se que um dos critérios iniciais é o uso da relação afetiva inter atores, quer na seleção de conteúdos, quer na seleção de atividades.
4. *Os currícula programáticos devem ser interativos*. Os conteúdos devem abandonar o seu caráter clássico e serem “elementos de significado” porque esta é a “aprendizagem significativa”, pelo que será também privilegiado o desenvolvimento das aptidões próprias do hemisfério direito do cérebro (Pink, 2010) através dos *seis sentidos de comunicação*: as mensagens orais, escritas ou em imagem, deverão ter *design*, sentido, sinfonia, diversão, história e empatia. Esta abordagem estimula a atenção e a neuroplasticidade.
5. *Os conteúdos constroem-se a partir de objetivos* previamente formulados, abordando contextos (problemáticos ou não) a que os idosos aludam: desde as necessidades e expectativas, às suas motivações menos expressas, por inibição ou falta de vocabulário aprendido.
6. *Parte-se do princípio que não serão bem-vindas quaisquer tipos de dependência* dos idosos relativamente aos gerontólogos. Será respeitado o tempo e o ritmo dos atores educativos. De todos. Quer para o exercício de aulas quer para os momentos reflexivos e

de aplicação de atividades. Este ponto é essencial para dar espaço e “aceitação empática” a quaisquer défices de natureza sensorial, cognitiva, de compreensão ou até de mobilidade e de função biológica.

7. *Serão atenciosamente respeitados os tempos* necessários de sentar, levantar, mobilizar-se na sala, refletir.... As particularidades de satisfação de necessidades básicas, como frequência para urinar, defecar, aquecer-se, tapar-se, mudar de posicionamento, horários de medicação, disponibilidade de líquidos ou pequenos “*mimos de sabor*” como um bombom ou um leite morno, ou mesmo até espaço para concentrar-se e motivar-se, devem tomar a primazia na atitude do gerontólogo. Sem esta componente assegurada não há gerontologia, e é por isso que este deve ser também e necessariamente o lugar do gerontólogo. Só este possui exatamente compreensão e conhecimento do processo do envelhecimento, os seus metabolismos e funções fisiológicas alteradas (não patológicas), bem como as necessidades de readaptação a um novo “estar confortável” neste espaço adaptativo.
8. *A motivação dos formadores assenta no conhecimento destas características dos idosos*, o que lhes possibilita não só a compreensão das suas atitudes, como lhes permite ter uma atitude de antecipação perguntando por exemplo. “*Quer ir à casa de banho?... Aceita um chá quente?... não é melhor uma almofadinha?... quer ficar mais perto da janela?... precisa de mais luz?...* “. É esta atitude que se torna propulsora e exploratória do potencial do idoso e a que favorece a integração e o crescimento e que portanto dá fluxo às relações interpessoais, e sobretudo, às intrapessoais.
9. *A personalidade dos formadores*, foi identificada em estudos anteriores (Peloso Lima, 2001), como a variável determinante no processo. Assim, coloca-se a capacidade animar grupos (Aguilar Idañez, 2004) de sentir e expressar sentimentos de felicidade como base intra relacional: o afeto, a consideração e a solidariedade como ferramentas de relação e da autoestima. Quando valorizados os idosos são altamente produtivos e criativos.
10. *Um idoso que sente a compreensão e a importância de sua experiência, vive*. No sentido de *well being*. Num propósito final: reflita-se acerca da formação dos gerontólogos: que bases teóricas e metodológicas têm estruturado a sua formação? Sem mais argumentos, pensemos no que Sáez e Escarbajal (1998) advertem:

“... a formação (...) nas universidades da terceira idade deve partir das necessidades sugeridas pelos próprios idosos, sob pena de ser

pouco significativa para eles. Os programas (...) para idosos devem partir (...) de suas necessidades. Os alunos devem ser parceiros na elaboração desses programas. O que caracteriza a busca desses cursos pelos adultos maduros e idosos é a fruição, o gosto por aprender, a realização de sonhos e projetos de vida adiados, a necessidade de se sentir vivo, ativo, atualizado e inserido na sua comunidade ...”

FERRAMENTA PARA A PRÁTICA II:

Métodos e Técnicas pedagógicas.

Se os métodos são as estratégias do formador, ao nível da didática, as táticas são as técnicas formativas de que se serve, para suscitar no formando um ou diversos comportamentos de aprendizagem. A técnica deve ser metódica e refletida. Em gerontologia como em qualquer outra área do exercício do processo de aprendizagem, tem que respeitar: os domínios ou áreas do saber evoluir (saber-saber, saber-estar, saber-ser e saber-fazer), conforme poderá ser apreciado e selecionado através do Quadro 1; e os objetivos previamente formulados.

Quadro 1. Técnicas pedagógicas relativas às metodologias ativas

Técnica Pedagógica	Saber-saber	Saber-fazer	Saber-ser
Autoscopia	☺☺		☺☺
Bainstorming		☺☺	☺
Cochicho		☺☺	
Fórum	☺☺	☺	☺☺
Demonstração	☺☺	☺☺	
Incidente crítico		☺	☺☺
Role playing	☺☺	☺☺	☺☺
Lição	☺☺		
Técnica de Perguntas	☺☺		☺☺
Simulação		☺☺	☺☺
Seminário	☺☺		☺☺
Philips 6/6	☺☺		☺☺
Análise de Textos	☺☺		☺☺
Técnica de Perguntas	☺☺		☺☺
Colóquio	☺☺	☺☺	
Conferência	☺☺	☺☺	
Discussão em Grupo	☺☺	☺☺	☺☺

Fonte: Modificado de Mão-de-Ferro, 1999.

Se forem selecionados **métodos passivos**, há que atender às especificidades dos princípios atrás defendidos. Todavia, poderão ser úteis, pelo que poderemos optar por:

1. **Os Expositivos:** são quase sempre orientados para a área do saber-saber e privilegiam a informação debitada para memorização. Não devem ser os mais frequentes em gerontogogia, mas tornar-se-ão necessários se o assunto for de caráter transmissivo unilateral, cuja autoridade (no sentido de autor+idade, por oposição a autoritarismo) do formador, será a fonte do que se expõe, por exemplo um apresentador ou executor de algo (por exemplo, fabricante de alfaias ou investigador em matéria de envelhecimento ou rejuvenescimento). Pode resultar prático, porque um grupo alargado pode aceder ao conhecimento em sessões coletivas, mas deverá haver no espaço aula, um gerontólogo ou gerontogogo, para parcializar a comunicação segundo high touch e high concept (Pink, 2010), nomeadamente com design e sinfonia. Mesmo assim, nestas apresentações, há que reduzir alguns constrangimentos: a aquisição pode ser muito variável, os formandos assumem o estatuto de recetores, a relação tem tendência a ser de caráter formal e os tempos de preleção têm tendência a serem constantes, o que diminui a disponibilidade temporal e afetiva de intervenção do idoso. Aqueles, cuja acuidade auditiva e visual não ajuda, e por isso correm o risco de não compreenderem a mensagem, deverão ser colocados em atividade de recuperação em estratégia ativa.
2. **Os Interrogativos:** desenvolvem as áreas do saber-saber, e do saber-ser. Se os conteúdos forem mais facilmente desenvolvidos, até no sentido de poder tornar-se mais divertido, poderemos implementar um espaço de questões simples do tipo “ping-pong” de saber. Este método é usado em situações específicas para desenvolver capacidades cognitivas, pensamento independente e ativo, pelo que sensatamente usado, é estimulante da neuroplasticidade, desde que o contexto comunicacional seja de diversão e empatia (Pink, 2010), num ambiente descontraído e de descoberta, e, para aplicação prática evidente e imediata.
3. **Os Demonstrativos:** essenciais para as áreas do saber-saber, e do saber-ser. Tornam-se bastante úteis em Gerontogogia, para apresentação de como fazer tarefas do tipo exibitivo técnico (para exemplificar os acessos ao computador, ao telemóvel, a uma máquina fotográfica ou eletrodoméstico...), também como método funcional em tarefas manuais ou psicomotoras: para apresentar o manobrar de agulhas (bordado em tecido, em tela ou picotados, ou ainda em malha ou tricot), para exemplificar como apertar botões,

usar pincéis em tintas, em tela ou outra atividade do cotidiano.

Se forem selecionados os **métodos ativos**, é importante saber que, dependendo da estratégia usada, qual a área do saber que desenvolvem e como podem ser adaptados em Gerontogogia. Partindo das áreas do saber evoluir (Mão-de-ferro, 1999), poder-se-ão selecionar, por exemplo:

1. Saber-saber: esta área diz respeito à aquisição do conhecimento, mas em contexto de metodologia ativa, ocorre por iniciativa do sujeito. Também aqui é estimulante da memorização, mas como o envolvimento do educando conduz o processo, se for repetido e progressivo é promotor da plasticidade cognitiva. As técnicas pedagógicas poderão ser: o Ensino Autodidático, em que o percurso de pesquisa ou tarefa é feito em torno do e pelo formando; o Ensino Participativo em que os conteúdos podem ser desenvolvidos em grupo ou com técnicos específicos, em contextos de aula-laboratório, ou até no terreno, como por exemplo a visita de cidades com um guia historiador ou a uma fábrica, com a participação de alguns formandos em alguma informação pré adquirida); Método da Descoberta, é aplicado com uma pesquisa orientada, através de uma temática ou palavra, de um autor ou imagem, usando uma ferramenta como o *Google*, para aceder a conteúdos online. Também poderá ser usado o Ensino Programado, partindo dos temas dispostos em Sumários pré organizados, e o grupo com o gerontogogo, fazem a seleção de prioridades ou apenas escolhem temas: ou porque são mais divertidos, ou necessários, ou porque alguém quer saber algo mais a esse respeito. A Lição, é uma técnica exclusiva desta área, razão porque deve ser evitada, e se ocorrer deve haver no fim uma forma interativa, de regressar aos conteúdos para tentar introduzir um percurso de mapa mental acerca do assunto.
2. Saber-ser: é a (re) aprendizagem mais demorada, em termos de percepção do formando e do formador. É normalmente usada para modificação de atitudes por excelência, e tem um potencial fortemente reflexivo, senão modificador do comportamento do sujeito. Todas as técnicas – desde que privilegiem a dialética e a horizontalidade de estatutos - são passíveis de ser exploradas, desde que tenham um coordenador ou gestor de grupo. São normalmente momentos prazerosos para a maioria dos idosos, sendo que, aqueles que por apatia ou reserva de caráter se omitirem, deverão ser estimulados. Como? É aqui que faz sentido a palavra!

As competências de comunicação tomam lugar:

Além de tudo o que é sabido acerca do assunto, ficam aqui duas ideias:

1. A comunicação não-verbal é mais poderosa e profunda que a verbal: o que o corpo diz, nada mais o diz, e portanto, percebemos a verdade através da gramática expressiva corporal e facial. Estejamos atentos ao nosso manancial de expressão de silêncios, de ritmos de esgares e de exclamações. Os idosos sabem esta matéria de cor.
2. A comunicação verbal deve ser rica, emocional e apelativa, razão porque esta formação deve ser específica para gerontólogos. Neste conjunto de técnicas, a comunicação deverá ser o que Pink (2010), define como os seis sentidos ou as seis aptidões próprias do hemisfério direito: Design, História, Sinfonia, Empatia, Diversão e Sentido. Por exemplo, considera que comunicamos com design, criando uma mensagem como algo que seja também bonito, original ou emocionalmente apelativo e não só informativo funcional. Explicar com história, é criar uma *“boa narrativa em torno do artigo que se vende”*, podendo isto ser desde um café até à informação de um conteúdo... com sinfonia, é apresentar um conjunto de mensagens (morosas e normativas) como um todo, em síntese, numa visão em puzzle abrangente, de tal modo que crie uma imagem transversal para aplicabilidades, colocando como exemplos: *“o inventor; o criador de metáforas; o transgressor”* (Pink, 2010), e como exemplo prático, *“as empresas financeiras americanas que contratam poetas para lugares de gestão!”* A empatia como a capacidade de falar e estar mas no sentido de compreender os desejos dos outros, de estabelecer relacionamentos e de mostrar interesse e preocupação com os outros. A comunicação com diversão, é como o nome indica, é estar com necessária descontração, e adianta *“...quer maior exemplo que o google?...”* (Pink, 2010). E comunicar com sentido – e que tem na Gerontologia toda a pertinência - diz respeito a que já não chega possuir (riqueza material), há que *“... procurar objetivos mais significativos: a transcendência, a realização espiritual e o sentido da vida.”* (Pink, 2010). Faz todo o sentido que pensemos neste conjunto de ideias e as coloquemos em prática.

Técnicas Pedagógicas, quanto mais Mistas mais Ricas:

Como técnicas ou estratégias pedagógicas (ver Quadro1) - nas quais se integrará o tipo de comunicação anteriormente exposta - poderemos selecionar:

1. Formação Centrada nos Participantes, sempre que se analisar ou discutir temas selecionados pelos idosos, ou experiências de vida para serem recordadas, poderemos mesmo fazer com um grupo “animado” (Aguilar Idañez, 2004), a técnica de Incidente Crítico, uma Dramatização ou um Role Playing, para reviver algum contexto (pode ser positivo ou negativo) e usar essas técnicas para uma catarse ou um pequeno projeto a desenvolver, ou um comportamento a reorganizar;
2. Discussão em Grupo, sempre para qualquer tema em trabalhos de pequenos grupos, seja em matérias teóricas orientadas em pesquisa ou tarefas práticas. Pode resultar muito rico pela pluri abordagem e a entrada de várias pessoas.
3. Bainstorming – pode ser usado para selecionar matérias a abordar, escolher o tipo de atividades numa área de conteúdo, ou mesmo, se for possível, encontrar temáticas para trabalhos de Seminário com profissionais para uma Lição ou um Philips 6/6, para preparar um Fórum, ou até uma Análise de Textos acerca de um tema histórico para uma visita de estudo numa cidade.
4. Autoscopia – processo de auto observação, seja por análise descritiva inter grupo de idosos, seja por filmagem do grupo em atividades, deve ser sempre sob orientação atenta. Se a visualização for seguida de aconselhamento cuidado e sensato, pode resultar numa excelente ferramenta para ver e rever comportamentos, atitudes ou interações. É uma técnica cara, mas de grande utilidade, desde a correção de posturas comportamentais até às atitudes relacionais intra e inter pessoais.

Saber-fazer: é a aplicabilidade da metáfora: “caminhante não há caminho, o caminho faz-se andando”, e com possíveis bons resultados, não só depois, mas sim já ao longo do processo. As estratégias poderão ser o processo de:

1. *Aprender Fazendo* em que o formando vai desenvolvendo a atividade sob orientação, para aplicação no quotidiano (utilização de uma ferramenta de Word, de um telemóvel ou de qualquer outro utensílio para o qual é necessário haver atualização, ou uma atividade artística como a pintura ou moldagem, ou mesmo qualquer atividade física. As atividades físicas musicadas (Maccadanza, 2007) têm aqui aplicabilidade com demonstração primeiro do formador e depois de um ou sucessivos formandos;
2. *Demonstração*, de qualquer atividade, programada ou não, mas feita pelo próprio formando, para os seus colegas ou para o formador.

Resta pontuar que em todas as ações de estratégia pedagógica, o idoso é o aluno, no seu estatuto de geronte, pelo que se pretende estimulação e sentimento de prazer. Deverá manter-se como participante ativo, observador, sendo convidado a colocar perguntas e a apresentar as suas opiniões. Necessitará, acredito de ser motivado, quer pelo ambiente emocional, quer pela exposição dos contextos, para estimular a sua perceção de problemáticas reais, e dessa participação deverá receber sempre um reforço. Este ponto é importante. A participação em *educere* deve ser sempre reforçada, comentada com naturalidade e ajustada a uma aplicação pertinente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Aguilar Idañez, M. (2004). *Como animar um grupo. Princípios Básicos e Técnicas*. Petrópolis. Vozes.
- Almeida, C. & Veiga-Branco, M. (2011). Flow State – A Potential of EI. III International Congress of E.I. *Book of Abstracts*. University Library Rijeka. Pp. 65.
- Anastasiou, L. & Alves, L. (s/d.) *Estratégias de Ensino*. U. São Paulo. FFCL. Ribeirão Preto. Departamento de Química.
- Arden, J. (2010). *Modifique e Melhore o seu Cérebro*. Men Martins. Arte de Viver.
- Arends, R. (1997). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Mc Graw-Hill.
- Cachioni, M. & Neri, A. (2004). Educação e gerontologia: desafios e oportunidades. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*. S. Paulo, v. 1, n. 1, 99-116.
- Cotman, C. & Berchtold, N. (2002). Exercise: A behavioral intervention to enhance brain health and plasticity. *Trends in neurosciences*, 25,295-301.
- Damásio, A. (2003). *Ao Encontro de Espinosa. As Emoções Sociais e a Neurobiologia do Sentir*. Men Martins: Europa – América.
- Damásio, A. (2010). *O Livro da Consciência. A Construção do Cérebro Consciente*. Men Martins: Europa – América.
- Doidge, N. (2008). *El Cerebro se Cambia a Si Mismo*. Madrid. Santillana Ed. General.
- Ferreira, P. (2007). *Guia do Animador na formação de adultos*. Lisboa. Presença.
- Fornis Vaquero, C. (2003). *Esparta: historia, sociedad y cultura de un mito historiográfico*. Barcelona. Crítica.
- Freire, P. (1982). *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2004). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Glendenning, F. (Ed.) (2000) *Teaching and Learning in Later Life: theoretical implications*. Aldershot: Ashgate.
- Hare, K. & Reynolds, L. (2003). *51 Instrumentos para Transformar a Formação*. Lisboa: Monitor.
- Haase, V. & Lacerda, S. (2004). Neuroplasticidade, variação interindividual e recuperação funcional em neuropsicologia da SBP. *Temas Psicologia*. 12 (1): 28– 42.
- Jardim, J. (2002). *O Método da Animação. Manual para o Formador*. Porto. Ave.
- Knowles, M. (1984). *Andragogy in action*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Lemieux, A. (2000). Gerontology beyond works: a reality. *Education Gerontology*, 26, 475.
- Lopes, J. (2003). *Problemas de Comportamento, Problemas de Aprendizagem e Problemas de Ensino*. Coimbra: Quarteto.
- Maccadanza, R. (2007). *Manual de Alongamento Stretching*. Cascais. Arteplural.
- Mão-de-Ferro. A. (1999). *Na Rota da Pedagogia*. Lisboa. Colibri.
- Moore, G. (2009). *Treine o Cérebro. Use-o ou Perca-o*. Alfragide. Publ. Europa-América.

- Pink, D. (2009). *A Nova Inteligência. Treinar o Lado Direito do Cérebro é o novo caminho para o sucesso*. Alfragide. Academia do Livro.
- Sáez, C. & Escarbajal, H. (1998). *La Educacion De Personas Adultas: En Defensa De La Reflexividad Critica*. Madrid. Amaru.
- Santos, G. (2009). Introdução à Filosofia da Educação de Gabriel Perissé. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, 11, 1, 283-285.
- Senge, M. (1990) *The Fifth Discipline: The Art and Practice of The Learning Organization*. New York. Doubleday.
- Tuckett, A. & McAulay, A. (eds) (2005) *Demography and Older Learners: approaches to a new policy challenge*, National Institute of Adult Continuing Education, Leicester.
- Veiga-Branco, M. (2004). *Competência Emocional*. Lisboa. Quarteto
- Veiga-Branco, A.; Correia, J.; Marques-Teixeira, J. (2011). Discursive Construction of Resilience as a Moderate Variable of Emotional Intelligence. *III International Congress of Emotional Intelligence. Book of Abstracts*. University Library Rijeka. pp. 109.
- Vidal, M.; Domingos, M.; Marques, A.; & Gonçalves, J. (2010). *Abre-te Cérebro. Mentas que Brilham*. Parede. Ministério dos Livros. ISBN 978-989-8251-05-3.
- Withnall A. (2002). Thirty years of educational gerontology: achievements and challenges. *Education and Ageing*, 17(1), 87-102.
- Wolff, F. (2000). *Socrate*. Paris: Presses Universitaires de France.